

Prólogo

Valongo à Vista
(*Cenas do vale do Marnel*)

(*Um indivíduo vestido à aviador, com um grande guarda-chuva a servir de paraquedas e um grande canudo a fingir de óculo, cai no palco*)

Paraquedista:

Ai! ... Ai!...

- Que grande trambolhão!... E foi muito bem feito pois ninguém se levanta que não caia!

- O paraquedas não se abriu a jeito, e cai com um pato, dando raia...

Ai! ... Ai!...

- E por um triz que não fiquei desfeito!...

Valha-me, ao menos, a consolação,

- No meio disto tudo –

De que ao cair de bordo do avião,

Não escangalhei o meu rico canudo!

Mas agora reparo... Onde estarei?

È tudo isto um sonho? Eu deliro?

Nada percebo. Apenas o sei

É que estou num belíssimo retiro.

Um vale... (e longo!...) esparsas mil verduras

Num campo matizado de boninas,

Cortado dum ribeiro que murmura

A canção das suas águas cristalinas....

Que vale encantador!... Um vale extenso,

Mais formoso que a tela de um artista!

Oh! Bem sei, não me iludo no que penso:

Isto é Valongo: Isto é Valongo à Vista:

Ah! Não posso conter-me ao contemplar,

Tão comovido, as gradas disto tudo:

E, por isso, permitam-me que aplique

- Este canudo!

Que vejo eu, na orla das campinas,

E quási ao fundo deste vale formoso?!

- Um palacete, só com três esquinas?!

Um clube e uma cabine de Lindoso?!

E ali, mesmo à beirinha
Do “comboio da linha”,
Só um pouco mais ao lado,
Que vejo eu? – Um homem de machado,
Num pátio, em meio de pomares e vinhas,
A fazer várias rachas e Rachinhas?!

Ah! Já sei que terra é aquela!
È Carvalhal da Portela,

A pitoresca terra de S. Marcos,
Donde se avista o Vouga – O lindo rio -
E em tantas calmas de formoso estilo,
Sobre ele as velas brancas dalguns barcos.

E mais vejo ali, sobre um “Cabeço”?
TALÁBRICA? Ou quê? – Falha-me a vista!
E como vejo mal, e não conheço,
- Terei de perguntar ao Sr. Batista.

(Pausa)

- E aquela interessante e linda terra,
É Fermentões? – Exato. – E esta, qual é?
- É tal, que se a memória me erra,
Vinham-lhe outrora as lanchas mesmo ao pé.

Terra tão serena e bela,
Como doutra não sei eu,
Foi lá que um dia nasceu
O nosso amigo Varela.

É notável esta aldeia,
Por estar a um segundo
Das ruínas de Pompeia.
Que são no... “ Cabo do Fundo”!...

(Pausa)

Oh!... Que terrível Ladeira:
- Miúdos na brincadeira,
E Lobos no Povoado?...

Ah!... Já estou sossegado!...
Pró combate preparado,
Lá vejo um gran Capitão
Com quinze carros de pedras,
Que arrancou por sua mão!

Já por detrás das ameias
As tropas estão dispostas:_
Já mandou deitar Correias,
P'ra não ter que virar Costas!

Por isso... lindas Carriças
E Melrinhos joviais,
Depenicam nos Bugalhos
E trinam pelos quintais!....

Um povo tão sossegado
E ao mesmo tempo aguerrido,...
- Não devo estar enganado:
É por certo o de Brunhido!

(Pausa)

E que outra terra é esta? É populosa,
progressiva, fabril, comercial....
E parece (aqui p'ra nós) algo vaidosa
De ser, entre as irmãs, a principal.

Passa ao fundo uma Corga, uma regueira,
e ao cimo, nos cabeços, há vinhedos.
E logo junto ali outra ribeira,
Coroadada de altíssimos Penedos! ...

E um pouco ao lado deste quadro lindo,
E no ponto cimeiro deste Vale,
Vejo um carreiro subindo
A um florido Laranjal...

E que mais vejo? – Importantes fabricas,
Grandes lojas, farmácias, padaria,
Alfaiates, barbeiros, chapeleiro,
E um Castelão numa carvoaria ...

E descubro também vivendas belas
E ainda Formosíssimas capelas! ...

Mas (diga-se também) no meio disto tudo,
Eu bem distingo, cá c'ó meu canudo,
Muitíssimas tramóias e mazelas! ...

Por exemplo, no Largo dum Cruzeiro,
(Que devia de ser bem respeitado,
Pois está ali há trezentos e tal anos
Jesus crucificado),
Sim! No Largo chamado de Cruzeiro
- e hoje do Chiadinho e do Chiado-

É ali, nos domingos, tal solheiro,
Tal falatório, tal palavriado,
Que eu julgo que não há nenhum cordeiro
Que ali não tenha sido tosquiado! ...

Mas não sei, mas não atino
Que terra é esta, afinal.
Vou tirar o meu canudo,
Que está a funcionar mal.

Ah!!! .. pobres das criaturas!
A terra está às escuras!!! ...
- Agora, já entendo tudo.
Não é culpa do canudo,
Nem da vista, - nem é minha!
- É mas é da companhia,
Que lhes levou outro dia
A sua rica luzinha...

(Pausa)

E ali, ao pé da Salgueira,
Que é aquilo? Uma fogueira_?!
Bigornas a tilintar?! ...
- Seu nome é palavra meiga;
É uma várzea, uma Veiga ...
Nada tem que adivinhar.

Povo tão valente e ousado,
Só dantes os afonsinhos!
Pois foi capaz de lutar,
Sem tremer, nem desmaiar,
C'úm toiro desembolado
No Vale dos Castanheirinhos! ...

... Mas afinal... afinal,
Não o segurou ninguém.
Deixaram ir o animal
- mamar na teta da mãe ...

(Pausa)

E agora ali? – é verdade!
A terra que ali existia,
Acabou-se: era veade..
- Por alma da falecida,
Padre Nosso, Ave Maria.

Outra terra!

Que vejo logo à entrada?

- Uma coisa parecida
Com uma casa rachada,
E outra meio caída?!

(Se o meu canudo não mente ...)

Voz da plateia: - É a casa do Clemente!

Aviador: Justamente! É a casa do Clemente.

E vejo um arco abatido
Mesmo no cimo do lugar.
Se ali passa algum comprido ...
Por força se há-de curvar! ...

Estou a ver que no intervalo
Não cabe o Brenha a cavalo.

Uma terra com três pontes!
Com três rios! E três fontes!

- Mas ... ó canudo! Que dizes?
Então dos três chafarizes,
Só um deita, só um pinga,
Que nem mata a sede ao Kinga?!

....

Só um pinga, realmente!
E tão Paula... tinamente! ...

(Pausa)

Mais terras ainda? Oh! Sim...

Queria ir, entre o arvoredos,
À redonda e ao salgueiro,
À Cadaveira e Moutedo,
E dar volta pelo sobreiro...

Faz ai! ... já sinto cansaço,
E as pernas tão fatigadas,
Que de resto,
Olhe, ar, Ernesto,
 Não posso já dar um passo,
 E até já sinto picadas ...

(Pausa)

Mas vejo inda ali, em frente,
Um estado independente
(vedado a todos os carros!):

- Ah! ... já sei! ... o Presidente,
É o nosso amigo Barros!

Ditador que tudo dita,
Estão-lhe subjugadas
As terras de Santa Rita
E o reino das Levegadas!

(Pausa)

E mais pretende usurpar
O Sabugal e o Outeiro,
P'ra combater contra nós,
Com balas de sabugueiro! ...

(Pausa)

E, por fim, fechando o Vale,
Lá vejo em cima o Toural
- Só o nome é de respeito! ...

Cuidado! Cuidado e jeito!
Não vão aqueles vizinhos
Mandar-nos um bruto igual
Ao boi dos castanheirinhos! ...

(Pausa)

E eis-me, enfim, chegado à boca,
Neste giro derradeiro.
Já não encontro pimpões ...
Voz da plateia: - Fugiram para o Sobreiro!

Ah! Eu bendigo este feliz momento
Em que tombei, de bordo do avião
Neste Valongo encantador e amigo,
- terra do meu coração!

Em breves quadros singelos
Ides ver esta Revista,
A qual, por causa do óculo,
Se chama: VALONGO à vista.

Palavras graves e serias,
Nada disso ides ouvir,
Mas simples ditos, pilheriam,
E coisas de fazer rir.

Uma coisa só lhes peço
- e quase tomem bem a peito-
Ninguém se deve ofender
Com ditos a seu respeito.

(Fim do Prólogo)

Compére

Afinal para tudo é preciso sorte. Ora vejam lá o que aconteceu com o paraquedista: quando todos supunham que o tipo se tinha escaqueirado, ele levanta-se e ainda por cima se põe assustar-nos com o boi dos castanheirinhos.

Lá se foi mas no carro das duas que não há outro mais seguro. Só o que digo é que um dia quando ele cair de vez deixe mais alguma coisa aos seus herdeiros porque a mim o que me deixou ficar foi este grande canudo.

(Entra o Zé da Brôa)